

Ilustrada C1 a C3

## Deuses na Terra

Livro de fotos de Paul McCartney mostra idolatria aos Beatles na 1ª turnê nos EUA

Guia C8

Rodas de samba na zona norte fazem resgate da cultura negra em São Paulo

Folhinha p.1

Garfield completa 45 anos de carisma, malandragem e muita fome

Marina Izidro

Qual será o legado de Djokovic? Você escolhe

Esporte B9

## Inflação dos alimentos deve ter menor alta em seis anos

Os preços dos alimentos para consumo doméstico devem fechar 2023 com a menor inflação acumulada desde 2017, na faixa de 3% ou menos, segundo projeções de economistas consultados pela Folha.

A desaceleração ante 2022 tende a refletir a oferta maior devido a melhores condições climáticas nas lavouras, além de um alívio nos custos de insumos. Mercado A21

## cerco às aldeias

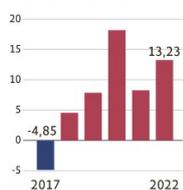


Lato de Almeida/Folhapress

## CRATERAS DE GARIMPO E TAXA PARA ESCAVADEIRA MARCAM TERRA INDÍGENA NO PARÁ

Mulheres kayapós se pintam com grafismo de anta para uma dança tradicional; líderes locais buscam meios de conter a exploração ilegal de ouro Ambiente B6 e B7

Inflação acumulada pela alimentação no domicílio  
Variação em cada ano, em %



1,24% foi a variação acumulada neste ano até mai.2023

4,66% foi a variação acumulada em 12 meses até mai.2023

Fonte: IPCA/IBGE

## Plano Diretor de SP poderá dobrar regiões verticalizadas

Áreas para prédios altos crescem até 160% e incluem Perdizes, Lapa e Tatuapé

Mudanças propostas no Plano Diretor da cidade de São Paulo ampliam as áreas sem limite para a altura de prédios em até 160%, mais do que o dobro do que é hoje, mostra cálculo do laboratório Arq. Futuro, do Insper. A revisão do documento, que rege o crescimento do município, deve ir a voto na quarta (21).

O aumento de área para prédios altos proposto na atual versão da revisão, que prevê a dispersão desses edifícios, é de 81,6 km², equivalente a 51 parques Ibirapuera. Ela inclui os bairros de Perdizes e Lapa, na zona oeste, Tatuapé, Vila Prudente e Sapopemba, na leste, e Freguesia do Ó, na norte.

Hoje, a verticalização em São Paulo se concentra nas áreas em torno de estações de metrô e corredores de ônibus, conforme proposta para adensar os eixos de transportes públicos.

A revisão apresentada disseminaria as autorizações, o que faria com que mais gente morasse longe das estações.

Liberação não seria automática — a ideia é levar em conta a lei de zoneamento, e 81,6 km² é o potencial total de expansão. A Câmara Municipal já aprovou a revisão em primeira votação e agora a avalia em caráter definitivo. Nem Prefeitura nem vereadores apresentaram estudos de impacto. Cotidiano B1

Laura Machado

## Ajustes no Bolsa Família

Dobrar os recursos do Bolsa Família ou melhorar a focalização em 35% geram a mesma redução na pobreza, a segunda sem custo. Não faltam evidências que corroboram que o caminho mais eficaz é pelo incentivo à declaração correta das informações e da focalização. Mercado A25

## Morre aos 92 Daniel Ellsberg, que vazou papéis do Pentágono

Conhecido por ter vazado informações sobre a Guerra do Vietnã em 1971, o ex-fuzileiro naval Daniel Ellsberg morreu ontem aos 92 anos. Ele tinha câncer no pâncreas. Nos papéis secretos, o governo reconhecia que não havia como sair vitorioso do Vietnã. Mundo A16



Divulgação/Prefeitura de Porto Alegre

## CICLONE EXTRATROPICAL MATA AO MENOS 3 NO RS

Cerca de madeira cede em bairro de Porto Alegre com risco de deslizamentos após chuva e ventos fortes; fenômeno bloqueou estradas e inundou municípios no litoral norte gaúcho B2

## Textos em celular de Cid citam golpe; Exército pune coronel

Mensagens recuperadas no celular do tenente-coronel Mauro Cid, ex-ajudante de ordens de Jair Bolsonaro (PL), tratam do uso das Forças Armadas contra as eleições vencidas por Lula (PT). O sigilo dos diálogos entre integrantes do Exército foi retirado pelo ministro do STF Alexandre de Moraes.

A revista Veja revela uma parte das conversas. Em uma delas, o coronel Jean Lawand Junior exorta Cid a ajudar o então presidente a ordenar ação militar contra as urnas.

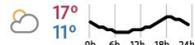
Ontem o Exército decidiu anular a nomeação do coronel para a representação do Brasil nos EUA. Política A6

## Ainda abaixo de 70%, taxa de lares com esgoto cresce

O percentual de lares ligados à rede de esgoto voltou a crescer no Brasil em 2022, mas ainda está abaixo de 70%, aponta o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). De 2019 para 2022, a taxa de domicílios conectados saiu de 68,2% e foi a 69,5%. Cotidiano B3

## Brasil tem 11,8 milhões que vivem sozinhos, diz IBGE

Uma parcela maior da população está vivendo sozinho, diz pesquisa do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Dos 74,1 milhões de domicílios, 15,9% (ou 11,8 milhões) tinham só um morador em 2022. Analista vê envelhecimento como uma das causas. Cotidiano B3



# ambiente cerco às aldeias



## Cerco às aldeias

### Crateras e taxa para escavadeira marcam terra indígena no Pará

Lideranças do território Kayapó, recordista em áreas de garimpos ilegais no Brasil, buscam caminhos para eliminar atividade predatória, que impede a pesca e traz doenças às comunidades

Vinicius Sassine e Lalo de Almeida

**TERRA INDÍGENA KAYAPÓ (PA)** João Kayapó, 53, é o novo cacique da aldeia Turedjam, uma comunidade cercada por crateras de garimpo ilegal de ouro. A posse teve palco, tapete vermelho, hino nacional e as palavras de um pastor indígena da Assembleia de Deus.

A festa foi grandiosa. A aldeia de 457 kayapós mebengókres recebeu mais de 2.000 convidados. Eram indígenas de outras 48 aldeias, dentro e fora da TI (Terra Indígena) Kayapó, no sul do Pará.

Homens e mulheres se pintaram para a posse do novo cacique. Grupos representativos das aldeias convidadas cantaram e dançaram para recebê-lo — os homens com voz gutural, as mulheres, com um agudo que se aproxima de gritos, se não fosse música. Os passos cadenciados e a alternância dos grupos preencheram o pátio central de Turedjam.

João recebeu uma faixa verde e amarela, semelhante a uma faixa presidencial. Fez um curto discurso na língua-mãe, que segue firme e predominante entre os Kayapós. A partir daquele momento, passou a ser o cacique da aldeia. “Fui escolhido porque luto pela comunidade”, disse à Folha dentro de sua casa, poucas horas após a posse, reali-

#### Entenda a série ‘Cerco às Aldeias’

A **Folha** estreia hoje a série de reportagens “Cerco às Aldeias”, que mostra como indígenas brasileiros têm sido impactados pela infestação de garimpos ilegais que chegaram muito próximos de suas comunidades. Neste primeiro capítulo, o repórter fotográfico Lalo de Almeida e o repórter Vinicius Sassine contam como a Terra Indígena Kayapó, no Pará, convive com invasores. O trabalho, cujos capítulos serão publicados ao longo deste ano, tem apoio do Amazon Rainforest Journalism Fund, em parceria com o Pulitzer Center.

zada em 19 de abril, Dia dos Povos Indígenas.

A realidade da aldeia Turedjam e a posse de João como cacique são emblemáticas. Sintetizam, ao mesmo tempo, a história da terra indígena mais devastada pelo garimpo ilegal de ouro no país e a complexidade de eventuais esforços para retirada de invasores do território daqui em diante.

Turedjam é uma aldeia cercada por garimpos. A exploração chegou muito perto da comunidade.

O novo cacique é neto de Tutu Pombo, descrito como uma das primeiras lideranças kayapós a fazerem negócios com não indígenas para exploração de ouro e madeira. Pombo morreu na década de 90. O neto, em um dos pri-

meiros atos como cacique, vai consultar a comunidade sobre a ideia de interromper a permissão de invasores na TI.

“Sobre o garimpo, a minha visão é que tem de acabar”, afirma João. “Todos os caciques têm de ser unidos. Senão os kayapós não aguentam.”

Grupos de kayapós — ainda que em minoria — permitem a entrada de invasores e participam da exploração ilegal de ouro e madeira, sem compartilhamento dos ganhos com toda a comunidade. Os efeitos, porém, são vastos.

Em Turedjam, nos dias seguintes à posse do novo cacique, crianças kayapós brincavam nas águas barrentas do rio Branco. Nele ninguém pesca mais, porque o garimpo matou o trecho usado pela aldeia.

“O garimpo traz doença, como malária e febre amarela. Traz drogas, pessoas estranhas. O garimpeiro faz o buraco e deixa para trás, vai embora. A gente perde alimentação de caça por isso”, afirmou o cacique recém-empossado. Há casos de desnutrição entre crianças e idosos em aldeias com exploração de ouro.

João calcula que 12 escavadeiras do garimpo operam nas imediações da aldeia. Ele quer as máquinas fora da terra in-

dígena. “Não é para o governo queimar, para a ferrugem não ir para o rio.”

Essas máquinas pesadas não entram na área demarcada sem o aval de grupos de indígenas. Uma placa na entrada de Turedjam registra o preço a ser pago por máquina que adentra o território: R\$ 2.000 por escavadeira, R\$ 400 por caminhão, R\$ 200 por caminhonete.

Na aldeia-mãe da TI Kayapó, que fica em outro ponto do território de 3,3 milhões de hectares (o equivalente a quase seis Brasília), a prática se repete. Os acessos a Gorotire têm diversas “guritas”, como são chamadas as guaritas improvisadas para o controle do maquinário que explora ouro e madeira ilegalmente. A passagem de escavadeira custa R\$ 1.500.

Gorotire tem população de 1.700 indígenas. É uma das aldeias mais tradicionais da terra kayapó. Convive com o garimpo nas imediações pelo menos desde a década de 80. Nos últimos anos, as crateras chegaram muito perto da comunidade — a pouco mais de 5 km em linha reta.

A exploração ocorre em diferentes pontos: na beira de estrada, como é o caso do garimpo Paraíba; em região de difícil acesso, que demanda veículo traçado, como é o caso do garimpo Maria Bonita, que remonta em anos 80; e em garimpos do outro lado do rio Fresco.

Grupos de indígenas tentam ter controle sobre o que é extraído por invasores, e também participam no minério, com tentativa de retenção de 10% do que é retirado.

O ouro e o mogno dos kayapós deram contribuição decisiva para a existência de cidades no entorno, como Ourilândia do Norte (PA), perto de Turedjam, e Cumaru do Norte (PA), perto de Gorotire.

Mas nada se compara ao que ocorreu ao longo dos anos do governo Jair Bolsonaro (PL). O discurso do presidente a favor da mineração em terras in-

dígenas, a ausência de fiscalização e o apagão da presença da Funai (Fundação Nacional dos Povos Indígenas) no território fizeram a exploração de ouro explodir.

Dados de monitoramento do MapBiomas, uma rede formada por ONGs, universidades e empresas de tecnologia, mostram que os garimpos na terra kayapó somaram uma área de 11,5 mil hectares em 2021. Em 2018, ano da eleição de Bolsonaro, essa área era de 6.300 hectares.

Levando em conta a extensão da devastação, a TI Kayapó é o território tradicional com mais exploração ilegal de ouro no Brasil. Na TI Yanomami, para a qual o governo Lula (PT) declarou estado de emergência em saúde pública, os garimpos ocupavam 1.500 hectares em 2021, segundo o MapBiomas. Eram 363 hectares em 2018.

Para os yanomamis, o garimpo representou uma crise humanitária como poucas vezes se viu. Houve explosão de casos de malária e de doenças associadas à fome. Além da declaração de emergência em saúde, ainda no primeiro mês de gestão, o governo Lula deu início a uma operação para retirada dos invasores da terra, a maior do Brasil.

Existe a promessa — ainda sem sinalização de quando será cumprida — de ações desestruturadas em outras terras indígenas tomadas por garimpos. Já há decisão do STF (Supremo Tribunal Federal) obrigando a essas desintrusões, ainda no governo Bolsonaro, que desrespeitou a decisão. Por enquanto, operações esparsas de destruição da logística do garimpo vêm sendo realizadas em diferentes territórios.

A PF (Polícia Federal) e o Ibama (Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis) estiveram na TI Kayapó na segunda (12) e destruíram seis escavadeiras, além de motores e veículos.

Continua na pág. B7

# cercos às aldeias ambiente



1 O cacique João Kayapó canta o hino nacional na sua cerimônia de posse na aldeia Turedjam; 2 Áreas de garimpo próximas da aldeia Turedjam; 3 Placa com preços cobrados para que garimpeiros acessem Turedjam; 4 Jovens kayapós brincam no rio Branco, que marca um dos limites da terra indígena; tomado pelo garimpo, ele está sujo e contaminado

Fotos Lalo de Almeida/Folhapress

## A Terra Indígena Kayapó e as aldeias coladas em garimpos

**Terra Indígena Kayapó**  
 Área: 3,3 milhões de hectares  
 Ano da homologação: 1991  
 População: 4,5 mil indígenas kayapós mebengôkres  
 Quantidade de aldeias: 55  
 Presença de indígenas isolados do rio Fresco

**Aldeia Turedjam**  
 População: 457 indígenas kayapós mebengôkres  
 Cidade mais próxima: Ourilândia do Norte (PA), 20 km

**Percurso feito pela reportagem até a aldeia**

- Voo de Manaus e de São Paulo até Marabá (PA)
- Por rodovia, de Marabá (PA) a Redenção (PA), 355 km
- Por rodovia, de Redenção (PA) a Ourilândia do Norte (PA), 260 km
- Por estrada de chão, de Ourilândia do Norte (PA) a Turedjam, 20 km



**Aldeia Gorotire**  
 Aldeia-mãe  
 População: 1,7 mil indígenas kayapós mebengôkres  
 Cidade mais próxima: Cumaru do Norte (PA), 52 km

**Percurso feito pela reportagem até a aldeia**

- Por rodovia, de Redenção (PA) a Cumaru do Norte (PA), 94 km
- Por estrada de chão, de Cumaru do Norte (PA) a Gorotire, 52 km

Fontes: ISA (Instituto Socioambiental), Associação Floresta Protegida, Associação Mebengôkre Angrokre, cacique João Kayapó e Rede MapBiomos



Continuação da pág. B6  
 Segundo a polícia, seis garimpos foram fechados. Os policiais e agentes estiveram nas imediações de Turedjam e de mais três aldeias.

A exploração ilegal de ouro é bem mais ampla do que alcançam as ações de fiscalização. O Greenpeace, em sobrevoos feitos em março de 2023, detectou 88 escavadeiras na TI Kayapó.

O governo Lula passou a ser integrado por lideranças jovens dos kayapós. O é Paiaikan Kaiapó foi nomeada em março para o cargo de coordenadora da Funai na região que abrange a terra indígena. Maial Paiaikan Kaiapó foi nomeada no mês seguinte como assessora da presidente da Funai, Joenia Wapichana.

As duas são filhas de Paulinho Paiaikan, umas das lideranças mais expressivas dos kayapós e do movimento indígena em defesa da demarcação de territórios. Ele morreu de Covid-19 em junho de 2020.

Em ações contra o garimpo ilegal, o governo petista precisará adotar estratégias distintas, conforme a realidade de cada um dos territórios.

“Foi o próprio governo, lá atrás, que incentivou essa exploração de garimpo e madeira aqui”, diz Beptum Kayapó, 48, um dos caciques de Gorotire, em referência aos modelos predatórios de ocupação da Amazônia nos anos 70 e 80.

Aldeia, em seu núcleo, tem casas de alvenaria que estão abandonadas. Foram construídas na fase-áurea de extração de ouro e mogno. As lideranças de Gorotire contam que a decadência veio na década de 90, com a queda da cotação do preço do ouro. “Em 1995, acabou tudo, ouro e madeira”, afirma Tumre Kayapó, 48, professor da língua original na comunidade.

O mogno é encontrado cada vez mais longe, mas caminhos seguem cruzando a terra indígena carregados de toras de madeira. Os garimpos estão em plena atividade, dos mais próximos aos mais

**Os garimpos na terra kayapó somaram 11,5 mil hectares em 2021. Em 2018, ano da eleição de Bolsonaro, eram 6.300 hectares**

**Em guaritas improvisadas para acesso à aldeia-mãe, a passagem de escavadeira custa R\$ 1.500**

siderada a maior do sul do Pará. “Não somos nós que temos de proibir tirar ouro e madeira. É o governo que falou que proibiu, que fez esse compromisso. Se proibiu, é preciso dar uma alternativa, com mais recursos para a comunidade.”

Os kayapós recebem benefícios como Bolsa Família ou aposentadoria. E se veem sem oportunidade para atividades tradicionais em aldeias coladas a garimpos.

“O futuro é plantar cacau, açaí, banana e mandioca”, planeja João Kayapó. “É preciso varrer as casas para construir uma nova vida.”

A grande maioria das 55 aldeias da TI Kayapó se opõe ao garimpo ilegal — a atividade predatória existe em, pelo menos, cinco aldeias, incluída a aldeia-mãe. Onde há combate a garimpo, inclusive com bases de proteção, há atividades econômicas como cultivo de cacau, coleta de castanha e pesca esportiva.

Agora, diante de um cenário político novo, os kayapós ensaiam novo afastamento da exploração ilegal de ouro e de madeira. “Tenho ouvido falar muito sobre crédito de carbono. É muito melhor preservar. Preserva até nossa cultura”, afirma o cacique de Turedjam.

Em Gorotire, a entrada no mercado de crédito de carbono — em que os indígenas são remunerados por preservarem a floresta — também passou a ser um discurso recorrente. As aldeias estão sendo consultadas para assinatura de um contrato do tipo com a empresa Carbonext, conforme relatos das lideranças.

Os kayapós também querem recursos do Fundo Amazônia, reabilitado no governo Lula após desmonte na gestão passada por razões ideológicas.

“A gente quer vender crédito de carbono, para manter todos os parentes. Muitos não têm renda”, diz Poy Kayapó, 45, presidente da Associação Mebengôkre Angrokre, que representa 32 aldeias, Gorotire entre elas. “Se a gente conseguir, garimpo fecha.”

distantes. Há garimpeiros jovens recém-chegados. E outros que já foram e voltaram para a terra kayapó uma infinidade de vezes.

O maranhense Zé, 55, vive num barraco ao lado de uma grota de garimpo no território. Ele trabalhou no mesmo lugar na década de 80, antes mesmo da demarcação da área. “Isso aqui é um serviço escravo”, diz. “Antes não tinha escavadeira, não tinha motor potente assim. Mas tinha mais ouro.”

Segundo lideranças de Gorotire, há garimpos que estão se exaurindo, tamanha a exploração por 40 anos — com tração sem precedentes nos últimos quatro.

Krākēhnti Kayapó é um dos mais velhos de Gorotire. Ele resume o sentimento entre as lideranças da aldeia, que é con-